

O CRESCIMENTO DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO (CONSUMO COLABORATIVO) NO BRASIL DE 2008 A 2018

Kamila Venancio Tavares (UVA- Universidade Veiga de Almeida)
kamila.venancio@yahoo.com.br

Felipe Matheus Velloso de Souza Correia (UVA- Universidade Veiga de Almeida)
felipematheus21@gmail.com

Daiane Rodrigues dos Santos (UVA- Universidade Veiga de Almeida) daiane.santos@uva.br

Resumo

A economia compartilhada vem ganhando espaço no Brasil, segundo Zott (2011) por meio da expansão de modelos de negócios que visam o compartilhamento, a troca e a revenda de produtos e serviços. Assim, objetivando expandir o conhecimento sobre este fenômeno econômico no Brasil, realizou-se um estudo em algumas das principais categorias entre os anos de 2008 a 2018. De acordo com a pesquisa realizada, somando as cinco subdivisões de consumo colaborativo selecionadas, em janeiro de 2018 quase noventa *sites*/aplicativos desse tipo estão em funcionamento no país, sendo que aproximadamente quinze foram criados fora do país e setenta e cinco foram criados por brasileiros. Com o avanço da tecnologia e o advento da internet, os computadores, os *smartphones* e os *tablets* conectaram pessoas do mundo todo em uma fração de segundos possibilitando transações entre esses indivíduos, associadamente, o ambiente de recessão foi favorável para a economia do compartilhamento no mundo e principalmente no Brasil, visto que as pessoas começaram a buscar formas de diminuir seus gastos ou aumentar sua renda através do compartilhamento de bens e serviços.

Palavras-Chaves: Economia compartilhada, Consumo colaborativo, Brasil, Tecnologia, Meio Ambiente e Recessão.

Abstract

The sharing economy has been gaining ground in Brazil, according to Zott (2011), with the expansion of business-oriented models of sharing, exchanging and reselling products and services. Therefore, with the purpose of expanding the knowledge on this economic phenomenon in Brazil, a study in some of the main categories between the years of 2008 to

2018 was performed. According to the survey, summing the five subdivisions of collaborative consumption selected, in January of 2018 almost 90 sites/applications are working in the country, approximately 15 created abroad and 75 created by Brazilians. With the advance of technology and the Internet, the computers, smartphones and tables are all connecting people around the world in seconds, allowing transactions between these individuals. In addition, the recession environment was favorable to the sharing economy in the world, and especially in Brazil, as people started to look for ways to reduce their spending or increase their income through the sharing of goods and services.

Keywords: Sharing economy, collaborative consumption, Brazil, Technology, Environment and Recession.

1. Introdução

Consumir é um dos hábitos frequentes dos seres humanos que segundo Da Silveira *et al.* (2016) esteve voltado a sobrevivência, as necessidades e a proteção do ser humano no início das civilizações. Conforme Bradshaw & Brook (2014), podemos observar o aumento do consumo médio *per capita* de forma substancial a partir do século XX, pois além de atender as necessidades básicas, passou a suprir também desejos, vontades e outras formas de satisfação trazidas pelo consumo de bens e/ou serviços. No século XXI, o consumo vem de uma forma mais consciente. A escassez de recursos, quer sejam financeiros e/ou naturais, se tornaram cada vez mais uma preocupação da sociedade, e é neste contexto que a economia colaborativa (ou a economia do compartilhamento) ganha força.

A economia colaborativa permite que indivíduos se conectem através de plataformas digitais e realizem ações como compartilhamento, troca, empréstimos, doações e aluguéis. Conforme definido por Botsman e Rogers (2011), “é um sistema que ativa o valor inexplorado de todos os tipos de ativos através de modelos e mercados que permitem maior eficiência e acesso”.

A expansão da economia compartilhada gerou um grande interesse da sociedade. Em 2016, nos EUA, segundo o portal de inteligência de negócios *statista*, havia 44,8 milhões de pessoas utilizando este tipo de serviço. Ainda de acordo com o portal, a previsão é que até 2021, o número de usuários irá aumentar para 86,5 milhões, somente nos EUA. Conforme Vaughan, e Daverio (2016), estima-se que na Europa as transações desses mercados podem ascender a 570 bilhões de euros até 2025, ante 28 bilhões de euros em 2016. Conforme estudo elaborado em 2016 pela escola de negócios *IE Business School* em parceria com o BID (Banco Interamericano

de Desenvolvimento), o Brasil é o líder da América Latina em iniciativas de economia colaborativa. O estudo mostrou que 32% das empresas de consumo colaborativo criadas na América Latina, foram fundadas no Brasil.

Nos últimos anos, o Brasil passou por uma grave recessão. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB (Produto Interno Bruto) do país recuou 3,8% em 2015 comparado com 2014; e apresentou em 2016 recuo de 3,6% comparado com o ano anterior. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a taxa média de desemprego no Brasil aumentou para 8,5% em 2015, após a elevação de 6,8% em 2014; dois anos depois, o desemprego apresentou elevação de 11,5%. O ambiente de recessão foi favorável para a economia colaborativa no país, visto que as pessoas começaram a buscar formas de diminuir seus gastos e/ou aumentar sua renda através do compartilhamento de bens e serviços.

Esse artigo tem como objetivo analisar a inserção do Brasil nos últimos dez anos nesse novo estilo de comércio e modo de consumo, de forma mais consciente e com os recursos escassos. Na seção 2 abordaremos a revisão da literatura apresentando o conceito fundamental da economia do compartilhamento, alguns dos principais trabalhos publicados na área e as principais forças que apoiaram o seu surgimento. Na seção 3 abordaremos alguns referenciais do crescimento da economia colaborativa e explicando a forma na qual o consumo colaborativo está tomando/tomou conta do Brasil no período estudado, por meio de diferentes iniciativas de compartilhamento. Na seção 3.1 utilizaremos uma *Timeline* mostrando como a economia do compartilhamento foi crescendo, sendo reconhecida e utilizada através dos anos. E por fim, na seção 4 apresentaremos as principais conclusões do artigo.

2. Revisão da Literatura

Em 1978, Marcus Felson e Joe L. Spaeth publicaram o primeiro artigo acadêmico sobre economia do compartilhamento, o “*Community Structure and Collaborative Consumption: A routine activity approach*”. Segundo Da Silveira *et al.* (2016), o artigo apresenta uma visão mais voltada para o consumo em conjunto, onde pessoas com laços familiares ou com perfil semelhante tendem a se envolver nesse tipo de atividade.

O artigo “*Sharing*”, publicado por Russell Belk, em 2009, no jornal da universidade de Chicago, aborda o compartilhamento que envolve a participação de pessoas que desfrutam dos benefícios do recurso compartilhado, com um limite de separação entre os envolvidos. Para

Belk, o compartilhamento dissolve limites interpessoais colocados pelo materialismo e apego à posse.

Conforme Da Silveira *et al.* (2016), os artigos citados acima são dois trabalhos seminais relacionados a comportamentos, maneiras de compartilhamento e com enfoque em indivíduos. A partir de 2012, segundo os autores, ocorreram anualmente publicações na área de economia compartilhada.

Da Silva (2012) explorou os aspectos que envolvem o consumo colaborativo no Brasil. Com base em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, entre entrevistas semiestruturadas com gestores de organizações e usuários de distintos sistemas, observou-se que apesar da economia compartilhada estar em processo inicial no país, há um cenário positivo para o desenvolvimento das práticas coletivas.

Em seu artigo, John (2013) estudou a conexão entre consumo colaborativo e a tecnologia, focando na internet, *smartphones* e redes sociais. Com base na análise de 63 artigos sobre economia compartilhada, argumentou que tal economia é construída como um fenômeno de alta tecnologia.

Em 2015 foi publicado um artigo acadêmico por Choi *et al.*, com o título “*The Business Model for the Sharing Economy between SMEs*” que aborda as dificuldades de introdução da economia compartilhada. Essa pesquisa apresentou o modelo de negócios para a economia de compartilhamento que é necessário na introdução e operação dessa atividade entre as PMEs. Esse modelo foi elaborado através de estudos sobre modelos de negócios existentes. No mesmo ano, Villanova publicou a tese de doutorado “Modelos de negócio na economia compartilhada: uma investigação multi-caso” que aborda a desenvolvimento tecnológico como um fator de inovação na economia compartilhada.

Ferreira *et al.* (2016) publicaram o artigo “Economia compartilhada e consumo colaborativo: Uma revisão da literatura”. Nele, os autores abordam a economia de compartilhamento como uma nova tendência que surgiu como alternativa para satisfazer as diversas necessidades dos consumidores, que podem ter acesso a produtos e pagar pela experiência de tê-los temporariamente, ao invés de adquiri-los.

Selloni (2017) forneceu uma visão da economia não convencional conhecida como consumo colaborativo. A autora tenta enquadrar os limites da economia compartilhada, delineando as forças motrizes relacionadas, suas características centrais, além de abordar questões como impostos, evasão e regulamentação. O trabalho também explorou o lado social da economia de

compartilhamento, que é central para o entendimento mais efetivo a respeito da diversidade dos serviços focados no interesse comum.

2.1. As principais forças que apoiaram o surgimento de a economia compartilhada

De acordo com Selloni (2017), é possível distinguir as quatro principais forças motrizes que apoiaram o surgimento da economia compartilhada: a tecnologia, as preocupações ambientais, as recessões globais e a comunidade.

Com avanços tecnológicos, incluindo principalmente a internet e os pagamentos eletrônicos, a economia do compartilhamento está rompendo novas fronteiras à medida que abre novas vias de realizações de negócios. Ao facilitar o compartilhamento de bens e serviços em grande escala global, a tecnologia hoje atua como uma plataforma para que as pessoas do mundo inteiro anunciem, compartilhem, alugem e revendam seus bens e serviços.

De acordo com Quinson (2015), atualmente a tecnologia faz parte das nossas vidas. Internet, computadores, *smartphones* e *tablets* revolucionaram a maneira como consumimos. A tecnologia está oferecendo um novo estilo de negócio, o consumo colaborativo. Segundo Biswas e Pahwa (2015), a tecnologia desempenha um papel fundamental na economia do compartilhamento porque oferece velocidade no fechamento dos contratos. Os autores ressaltam que a tecnologia acelerou e facilitou o surgimento da economia compartilhada permitindo ganhos de escala.

Para Martin (2016) a economia compartilhada é uma forma de consumo mais sustentável e um caminho para uma economia descentralizada, equitativa e sustentável. Segundo Daunoriené *et al.* (2015), a economia compartilhada fornece uma lente ideal para explorar e contribuir para a natureza do desenvolvimento sustentável. De acordo com os autores, a economia compartilhada pode contribuir para o desenvolvimento sustentável e tem muito espaço para desenvolver questões práticas na condução da sustentabilidade ambiental.

De acordo com Selloni (2017), o compartilhamento e a sustentabilidade são conceitos conexos; muitas pessoas que decidem adotar práticas de compartilhamento consideram suas escolhas como sendo “a melhor para o meio ambiente”. Segundo o autor, em tempos de escassez, compartilhar recursos significa colaborar para modos de vida mais sustentáveis. Conforme Brachya (2016), a economia compartilhada não só reduz a necessidade de propriedade, mas também o desejo de reduzir a nível social, através da construção de uma comunidade e destruição da identidade de consumo. Os benefícios potenciais são: diminuição da demanda por

novos bens e infraestrutura, redução das pressões sobre recursos naturais e de emissões e resíduos.

Segundo Skjelvik *et al.* (2017), a economia compartilhada tem ou pode levar a benefícios ambientais significativos sob a forma de aumento da eficiência no uso de recursos e reduções de encargos ambientais. Relacionado ao setor de transportes, existe um potencial para redução nas emissões de CO₂ e dos impactos sobre a poluição atmosférica local, o ruído, o congestionamento do tráfego, etc. No caso da acomodação em propriedade privada através do AirBnb e iniciativas similares podem levar a uma menor emissão de CO₂, porque essas propriedades podem gerar emissões mais baixas do que hotéis. Isso ocorre, segundo os autores, porque os hotéis muitas vezes têm mais instalações intensivas em energia, como bares, restaurantes e piscinas. Também é possível, segundo Skjelvik *et al.*, que os hóspedes do AirBnb gerem menos uso e desperdício de água do que os hóspedes do hotel.

Para Selloni (2017), o grande benefício da economia do compartilhamento é poupar dinheiro. Isto é crucial em tempos de crise econômica (uma crise que afeta não só o mercado, mas também os governos e, portanto, o bem-estar social), em que as pessoas perdem o poder de compra e aumentam a consciência sobre as decisões de consumo. No entanto, a ideia de “poupar dinheiro” não é oposta à de fazer algo “bom para a sociedade e o meio ambiente”, esses dois princípios são importantes para as pessoas que decidem adotar práticas de compartilhamento de bens e colaboração de serviços.

Segundo Belk (2014), compartilhar pode criar uma sensação de comunidade entre estranhos, o que ajuda a facilitar a confiança e inclusão social. De acordo com Selloni (2017), o paradigma da rede pode ser visto como uma reedição do antigo conceito de comunidade. O que está acontecendo é que a conectividade online também facilita o compartilhamento off-line e atividades sociais, permitindo o contato direto entre pessoas que vivem na mesma área, que antes não interagiam.

3. Economia Colaborativa no Brasil

No Brasil o consumo colaborativo já faz parte do dia-a-dia de diversas pessoas. De acordo com Villanova (2015), a economia compartilhada está tomando forma no Brasil, por meio, por exemplo, do compartilhamento de bicicletas, espaços de trabalho e hospedagem, além do crescimento de sites de troca e plataformas de financiamento e produção coletiva. Essa nova modalidade, que permite consumir sem comprar, une economia, consciência sustentável e

estimula a criação de redes de interação social que facilitam o acesso a objetos para empréstimo ou aluguel.

Em pesquisa com gestores de organizações de sistemas de consumo colaborativo realizada por Maurer *et al.* (2012), revela que o entendimento sobre o conceito e as perspectivas do compartilhamento no Brasil, não envolvem apenas a coletividade, mas também uma mudança em relação ao apego e posse de bens materiais. Para o crescimento do compartilhamento de bens, é necessário que haja confiança entre os envolvidos, interesse, cooperação e transparência das atividades, que são impulsionados pelo acesso às opiniões nas mídias sociais.

Para Stegun (2016), a economia compartilhada está ganhando força no Brasil por meio de negócios criados por brasileiros, como o Unicaronas, que cria uma ponte entre universitários que não possuem carro e aqueles que possuem uma vaga sobrando no veículo, além de grupos criados nas redes sociais com o intuito troca de roupas.

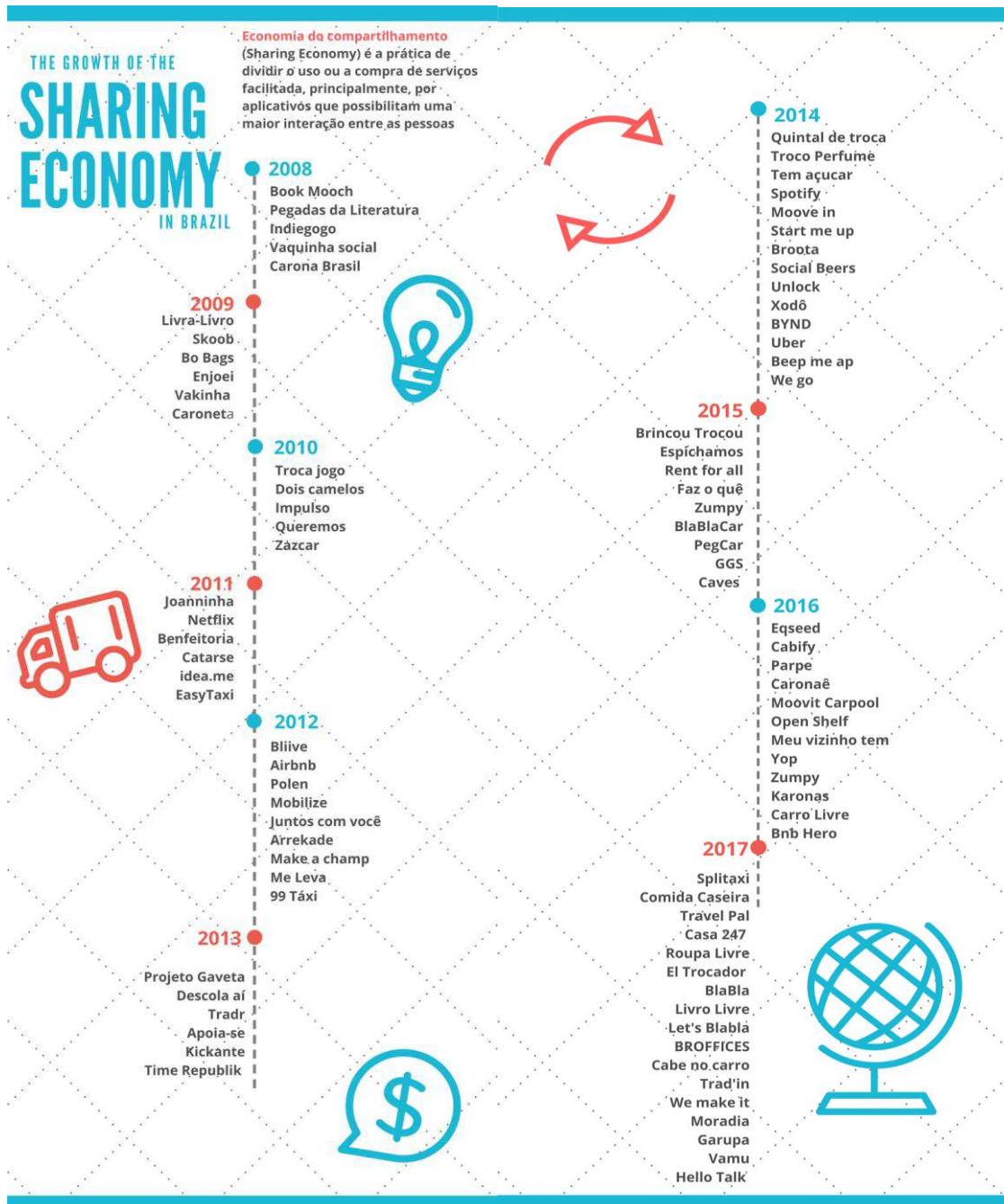
Segundo Ribeiro (2016), a vinda do *AirBnb* para o Brasil, em 2013, fez com que a economia de compartilhamento se tornasse mais popular no país. De acordo com Cruz (2017), A pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em 2017, mostra que as modalidades de consumo colaborativo mais conhecidas e utilizadas no país são o aluguel de casas e apartamentos em contato direto com o proprietário (40%), caronas para o trabalho ou faculdade (39%) e aluguel de roupas (31%) e bicicletas (17%).

3.1. Economia Colaborativa no Brasil – *Timeline*

Nessa seção apresentaremos uma *timeline* dos últimos dez anos contendo o resultado da pesquisa. As cinco plataformas de consumo colaborativo que selecionamos são a de troca e doação de livros e brinquedos, mobilidade/carona, trocas e serviços, *crowdfunding* (financiamento coletivo) e a de acomodação.

Como pode ser visto na Figura 1, de 2008 a 2018 houve um crescimento significativo das plataformas de economia compartilhada no Brasil.

Figura 1 - Plataformas de consumo colaborativo e suas respectivas datas de criação/operação no Brasil.



Fonte: Própria com base na pesquisa nos sites e aplicativos das respectivas plataformas.

- Plataforma de troca e doação de livros e brinquedos

Com início em 1995, elas deram a origem à economia compartilhada no Brasil. A proposta é viabilizar a troca de produtos, serviços e mercadorias entre pessoas sem que haja a necessidade de um envolvimento monetário. No Brasil entre os mais famosos estão Livra-livro, Pegadas da literatura (troca de livros), Quintal de Troca (troca de brinquedos) e Brincou Trocou (troca de brinquedos).

- Plataforma de Mobilidade/Carona

As plataformas de carona facilitam a conexão entre passageiros e motoristas viabilizando economicamente o itinerário as duas partes. Na parte de carona, em 2017, o BLABLACAR se tornou a plataforma mais conhecida e utilizada. Na parte de mobilidade, o Uber ocupa esse cargo, e de acordo com a empresa, até setembro de 2017, no Brasil existiam mais de 500 mil motoristas parceiros e mais de 17 milhões de usuários.

- Plataforma de Trocas e Serviços

Através de uma assinatura online, conseguimos acesso aos mais diferentes tipos de conteúdo por preços acessíveis. Podemos citar como exemplos o *Spotify* (músicas) e a Netflix (filmes, seriados e documentários), os dois permitem o compartilhamento de assinaturas, o que diminui os custos para os usuários da mesma conta. Na plataforma de trocas, podemos citar o Enjoei, que desde a sua criação em 2009 apresenta um crescimento constante na sua utilização¹.

- Plataforma *Crowdfunding* (Financiamento Coletivo)

Crowdfunding é o financiamento para que projetos possam sair do papel, oferecendo o dinheiro necessário, apoiadores e *marketing*. Segundo o Sebrae (2017), por meio de plataformas colaborativas, muitas pessoas e equipes já estão cadastrando o apoio de diversos colaboradores, com isso, existe a possibilidade de gerar recompensas aos apoiadores em troca do financiamento. No Brasil, a primeira plataforma de financiamento de projetos colaborativos foi a Catarse.me em 2011.

- Plataforma de acomodação

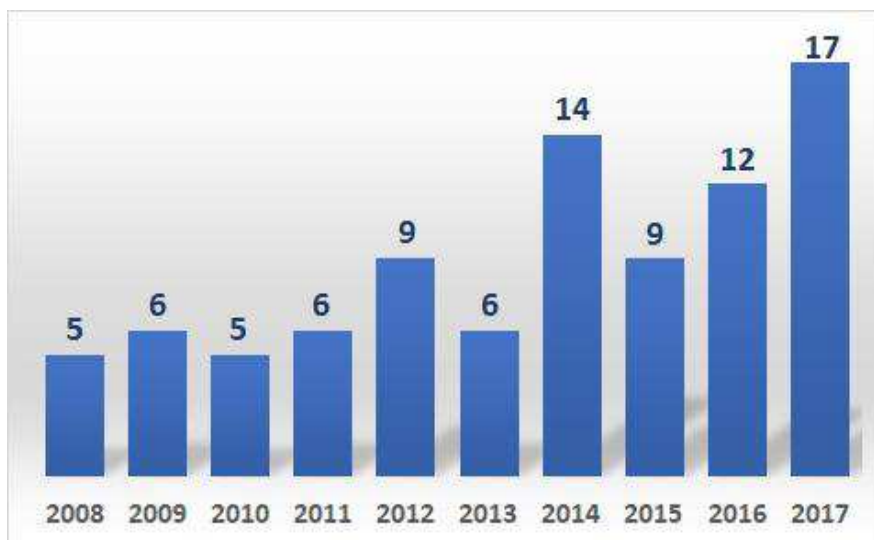
Ela visa conectar pessoas com o desejo de alugar o seu apartamento ou quarto por temporada, com um preço mais acessível e de maneira mais fácil e rápida. Um exemplo desses serviços é o AirBnb, que possibilita a comunicação entre turistas e donos de imóveis, não precisando desembolsar muito para se conseguir um local para se dormir ou até passar um final de semana. O sucesso foi tanto que hoje é utilizado até para alugar um apartamento inteiro.

De acordo com a nossa pesquisa, somando as cinco subdivisões de consumo colaborativo selecionadas, em janeiro de 2018 quase 90 sites/aplicativos com essa finalidade se encontram em funcionamento no Brasil. No período analisado, em média 9 aplicativos foram criados por

¹ Em junho de 2017 o site contava com 700 mil vendedores.

ano ou começaram a operar no Brasil. Como pode ser observado no Gráfico 1, nos últimos 10 anos houve um crescimento significativo no surgimento sites/aplicativos desse segmento no país.

Gráfico 1 - Criação e operação de sites e aplicativos de consumo colaborativo no Brasil.



Fonte: Própria com base na pesquisa nos sites e aplicativos das respectivas plataformas

No ano de 2014, observamos um enorme crescimento na criação e operação de aplicativos de economia do compartilhamento, no entanto, ele não compara ao crescimento observado em 2017. Neste ano, dezessete sites/aplicativos começaram a funcionar no país. Através da pesquisa, identificamos que a plataforma com mais aceitação no Brasil é a de locomoção e caronas, ela possui o maior número de usuários e o maior número de sites/aplicativos em operação². Outra informação relevante é que dos noventa sites/aplicativos que operam no Brasil, em média quinze foram criados fora do país e setenta e cinco são brasileiros.

4. Conclusão

No Brasil o consumo colaborativo já faz parte da vida de milhares de pessoas. Segundo Ribeiro (2016) a partir de 2013 identifica-se uma fase de crescente popularização dessa atividade no país. A realização desse estudo teve como objetivo mostrar a expansão das principais categorias da economia compartilhada no Brasil entre os anos de 2008 a 2018. De acordo com a pesquisa realizada, somando as cinco subdivisões de consumo colaborativo selecionadas, em janeiro de 2018 quase noventa sites/aplicativos de consumo colaborativo aproximadamente quinze foram criados fora do país e setenta e cinco foram criados por brasileiros.

² Dados de janeiro de 2018

A evolução tecnológica juntamente com seus impactos sobre os meios de comunicação, certamente contribuiu para a difusão da economia colaborativa. Com o avanço da tecnologia e o advento da internet, os computadores, os *smartphones* e os *tables* conectaram pessoas do mundo todo em uma fração de segundos possibilitando transações entre esses indivíduos.

O ambiente de recessão foi favorável para a economia do compartilhamento no mundo e principalmente no Brasil, visto que as pessoas começaram a buscar formas de diminuir seus gastos ou aumentar sua renda através do compartilhamento de bens e serviços.

A inserção do Brasil na era tecnológica, em conjunto com um ambiente de recessão e a conscientização sobre a importância das questões ambientais, certamente foram algumas das alavancas para o crescimento do consumo colaborativo no país nos últimos 10 anos.

REFERÊNCIAS

- BELK, Russell. Sharing. **Journal of consumer research**, Chicago, 2009. 36(5), pp.715-734.
- BELK, Russell. You are what you can access: Sharing e collaborative consumption online. **Journal of Business Research**, Chicago, 2014. 67(8), pp.1595-1600.
- BISWAS, Ranjan; PAHWA, Ankur. **The rise of the sharing economy–The Indian landscape**. EY Publication Report, 2015. P.28.
- BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **O que é meu é seu: Como o consumo coletivo está mudando o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- BRACHYA, Valerie; COLLINS, Lily. The Sharing Economy e Sustainability. **Urban Sustain**, 2016.
- BRADSHAW, Corey JA; BROOK, Barry W. Human population reduction is not a quick fix for environmental problems. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 111, n. 46, p. 16610-16615, 2014.
- CHOI, Hyung; CHO, Min Je; LEE, Kangbae; HONG, Soon Goo; WOO Chae Ryeon. The business model for the sharing economy between SMEs. **Architecture**, p. 6, 1998.
- CRUZ, Elaine Patrícia. Consumo colaborativo cresce e 40% das pessoas trocam hotel por casa de terceiros. Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2017-08/consumo-colaborativo-cresce-e-40-das-pessoas-trocam-hotel-por-casa-de>> Acessado em: 28 de jan. 2018.
- DA SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINI, Maira; DOS SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo. **Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?** REGE-Revista de Gestão, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.
- DAUNORIENĖ, Ast; DRAKŠAITĖ, Aura; SNIEŠKA, Vytautas; VALODKIENĖ, Gitana. Evaluating sustainability of sharing economy business models. **Procedia-Social and Behavioral Sciences** 213. 836-841.2015
- FELSON, Marcus; SPAETH, Joe L. Community structure and collaborative consumption: A routine activity approach. **American Behavioral Scientist**, v. 21, n. 4, p. 614-624, 1978.
- FERREIRA, Karolina Matias; MÉXAS, Mirian Picinini; ABREU, Weniston; MELLO, Priscylla Leventis. Economia compartilhada e consumo colaborativo: uma revisão da literatura. XXI Congresso Nacional de excelência em gestão e III Inovarse- Responsabilidade social aplicada, Rio de Janeiro, 2016.
- JOHN, Nicholas A. Sharing, collaborative consumption and Web 2.0. **Media@ LSE Working Paper**, (26), 2013.
- MARTIN, Chris J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? **Ecological Economics** 121. 149-159. 2006.

MAURER, Angela Maria; FIGUEIRÓ, Paola Schmitt; CAMPOS, Simone Alves Pacheco de; SILVA, Virgínia Sebastião da; BARCELLOS, Marcia Dutra de. **Yes, We also Can! O desenvolvimento de iniciativas de consumo colaborativo no Brasil**. XXXVI Encontro da ANPAD. Anais. Rio de Janeiro, 2012

QUINSON, Enora. **Collaborative consumption through new technologies**. Tese de Doutorado. Centria - university of applied sciences. 2015.

RIBEIRO, Bruno Santos. **Princípios e desafios para regulação da economia do compartilhamento, com substrato da teoria responsiva e enfoque na atuação do aplicativo Uber**. 2016. 66 f., il. Monografia (Bacharelado em Direito) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SEBRAE. **Entenda o que é Crowdfunding**, 2017. < <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-que-e-crowdfunding,8a733374edc2f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 20 jan. 2018.

SELLONI, Daniela. **New Forms of Economies: Sharing Economy, Collaborative Consumption, Peer-to-Peer Economy**. 2017.

SKJELVIK, John Magne; ERLANDSEN, Anne Maren; HAAVARDSHOLM, Oscar. **Environmental impacts and potential of the sharing economy**. Vol. 2017554. Nordic Council of Ministers, 2017.

STEGUN, Thais. Economia Compartilhada: Uma visão histórica sobre o novo fenômeno mundial. **Congresso comunicação, consumo e novos fluxos políticos**. 2º Encontro de GTs de Graduação. Outubro de 2016.

VAUGHAN, Robert; DAVERIO, Raphael. **Assessing the size and presence of the collaborative economy in Europe**. PwC UK, impulse paper for the European Commission. 2016.

VILLANOVA, Ana Luisa Ilha. **Modelos de negócio na economia compartilhada: uma investigação multi-caso**. FGV, Tese de Doutorado - Escola brasileira de administração pública e de empresas, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

ZOTT, Christoph; AMIT, Raphael; MASSA, Lorenzo. **The business model: Recent developments and future research**. Journal of Management, v. 37, n. 4, p. 1019-1042, 2011.